

Molhar as raízes em nossa própria fonte



Por **LEONARDO BOFF***

O futuro viável não brotará do sistema que gerou a crise, mas do mergulho nas raízes humanas mais profundas, onde jorram o amor, o cuidado e a esperança como alicerces de um novo paradigma civilizatório

1.

Não há como negar que estamos o centro de uma formidável crise planetária. Ninguém sabe para onde vamos. É aconselhável visitar historiadores que normalmente possuem uma visão holística e uma sutil percepção das principais tendências da história. Cito um que considero dos mais inspiradores, Eric Hobsbawm, em seu conhecido livro-síntese *Era dos extremos* (1994).

Concluindo suas reflexões pondera: “O futuro não pode ser a continuação do passado...Nosso mundo corre o risco de explosão e implosão...Não sabemos para onde estamos indo. Contudo uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro que vale a pena, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio sobre esta base, vamos fracassar. E preço do fracasso, ou seja, a alternativa para a mudança da sociedade é a escuridão” (p. 562).

A escuridão pode representar o fim da espécie *homo*. Algo parecido disse Max Weber em sua última conferência pública na qual (*en fin!*) se refere ao capitalismo, encerrado numa “jaula de ferro” (*Stahlhartes Gehäuse*) que ele mesmo não consegue romper. Por isso, nos pode levar a uma grande catástrofe: “O que nos aguarda não é o florescimento do outono, nos aguarda uma noite polar, gélida, sombria e árdua” (Cf. M.Löwy, *La jaula de hierro: Max Weber y el marxismo weberiano*, México 2017). Por fim o próprio Papa Francisco na encíclica *Fratelli tutti* (2020), adverte: “Estamos no mesmo barco ou nos salvamos todos ou ninguém se salva” (n. 32).

Há uma convicção mais ou menos generalizada no campo ecológico e em notáveis analistas da geopolítica mundial: dentro do sistema capitalista que prima pela busca ilimitada (sem a justa medida) de renda financeira, criando duas injustiças, uma social (criação de incomensurável pobreza) e outra ecológica (devastação de ecossistemas) não há solução para a crise atual. Atribuiu-se a Albert Einstein a frase: “o pensamento que criou a crise não pode ser o mesmo que nos vai tirar dela; temos que mudar”.

2.

Como as promissoras narrativas do passado sobre o futuro da humanidade se frustraram, não podem elas oferecer-nos rumos novos, exceto talvez, o ecosocialismo planetário que nada tem a ver com o socialismo um dia existente e fracassado. Ou voltar ao modo de vida dos povos originários, cujo saber ancestral ou o *bien vivir y convivir* dos andinos nos garantiriam ainda um futuro neste planeta. Mas parece-me que nos enredamos tanto dentro de nossa bolha sistêmica que esta proposta, por sugestiva que seja, se torna globalmente impraticável.

a terra é redonda

Quando chegamos ao fim dos caminhos viáveis e só temos o horizonte à vista, a mim parece, que só nos resta optar por nós mesmos e desentranhar virtualidades ainda não ensaiadas. Somos por natureza um projeto infinito e um nó de relações em todas as direções. Devemos mergulhar dentro de nós mesmos e molhar nossas raízes na fonte originante que sempre jorra em nós na forma de inarredável de esperança, de grandes sonhos, de mitos viáveis e de projetos inovadores de outro rumo à frente.

Ao tomar o ser humano como referência estruturadora não penso numa antropologia dos antropólogos e antropólogas ou nos ramos de saberes sobre o humano, sempre enriquecedores. Penso no ser humano em sua radicalidade insondável que ronda a zona do mistério que quanto mais nos acercamos dele mais distante e profundo se apresenta.

E continua mistério em cada conhecimento. Foi a percepção que Santo Agostinho fez de si mesmo: *factum sum mysterium mihi*: “fiz-me um mistério para mim mesmo”. Esse mistério é expressão de um mistério maior que é o próprio universo ainda em gênese e expansão. Portanto, o ser humano-mistério nunca está desconectado desse processo do qual faz parte, o que supera uma visão meramente individualista do ser humano.

Importa nunca esquecer que é um ser de relações ilimitadas, até com o Infinito. Elenquemos alguns dados que pertencem à nossa essência, a partir dos quais se nos concede elaborar novas visões de futuro.

Antes de mais nada importa entender o ser humano como Terra que num momento de sua complexidade começou a sentir, pensar, amar, cuidar e venerar. Eis que irrompe no processo cosmogênico o ser humano, homem e mulher. Não é sem razão que é chamado de *homo* ou *Adam*, ambos significando “feito de terra, ou sendo terra fértil e arável.

Central no ser humano é o amor que F. Maturana e J. Whatson mostraram sua base biológica. Diz J. Whatson em seu famoso *DNA: o segredo da vida humana* (2005: “o amor nos faz ter cuidado do outro; foi ele que permitiu nossa sobrevivência e êxito neste planeta; esse impulso, creio, salvaguardará nosso futuro; estou seguro de que o amor está inscrito em nosso DNA” (p. 414). Não haverá nenhuma transformação ou revolução humana que não venham imbuídas de amor.

3.

Junto com o amor emerge o “cuidado”, entendido de longa tradição como essência do ser humano. Como ele não possui nenhum órgão especializado é o cuidado de si mesmo, dos outros e da natureza que nos assegurará a vida.

Foi a solidariedade/cooperação do comer juntos, que outrora nos permitiu dar o salto da animalidade para a humanidade. O que foi verdadeiro ontem continua verdadeiro e essencial hoje, embora carente. Como ser de relação é a solidariedade e a cooperação que estão na base de qualquer convivência.

Junto à inteligência do cérebro neocortical, há emoção do cérebro límbico, surgido há milhões de anos, sede do amor, da empatia, da compaixão, da ética e de todo o mundo das excelências. Somos seres de sentimentos. Sem um laço afetivo entre nós humanos e para com a natureza tudo se degrada e desfalece.

Em nosso profundo vige a espiritualidade natural que possui o mesmo reconhecimento que a inteligência e a emoção. Ela é anterior a qualquer religião, pois é a fonte da qual todas bebem, cada qual a sua maneira. A espiritualidade é da nossa essência e se expressa pelo amor incondicional, pela solidariedade, pela transparência e tudo o que nos faz mais humanos, mais relacionais e abertos.

A espiritualidade nos permite captar que por debaixo de todos os seres vigora uma Energia poderosa e amorosa que os cosmólogos chamam de Abismo gerador e sustentador de tudo o que existe. O ser humano pode abrir-se essa Energia de Fundo, pode entrar em comunhão com ela e ter uma experiência de encantamento e veneração face à *grandeur* do universo e de quem o criou.

a terra é redonda

Tais valores, realisticamente, vêm acompanhados por seus contrários - somos *sapiens e demens* - que não podem ser recalçados, mas mantidos nos seus limites. Molhando nossas raízes nessa fonte originante podemos definir outro futuro no qual o amor, a solidariedade e o *bien vivir* serão seus fundamentos.

***Leonardo Boff** é ecoteólogo, filósofo e escritor. Autor, entre outros livros, de Comer e beber juntos e viver em paz (Vozes). [<https://amzn.to/45ibuqy>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA

A Terra é Redonda